

ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM À MULHER EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA SEXUAL EM UMA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA

Francisco Hans Rhamsés de Oliveira¹

Fernando Fagner da Silva Rodrigues²

Maria Lorena Maia dos Santos³

Antonia Meire Pinheiro das Chagas⁴

Fernanda Maria Carvalho Fontenele⁵

Antonio Rodrigues Ferreira Júnior⁶

TRABALHO PARA PRÊMIO: GRADUAÇÃO - EIXO 4: ENFERMAGEM EM SAÚDE DA MULHER E SAÚDE DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

RESUMO

Objetivo: Relatar a assistência de enfermeiros e acadêmicos de enfermagem à mulher em situação de violência sexual em uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI). **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo do tipo relato de experiência com abordagem qualitativa vivenciado pelos acadêmicos do curso de enfermagem no período de março e abril de 2023 em uma UTI Adulto no município de Fortaleza, Ceará. **Resultados e discussão:** Constatou-se que a assistência de enfermagem à mulher em situação de violência sexual consiste em acolher e identificar suas fragilidades para que sejam cuidadas adequadamente, realizando nos serviços. Ademais, os cuidados prestados à mulher vítima de violência sexual na Unidade de Terapia Intensiva, abrange a manipulação adequada nos procedimentos invasivos, com ênfase em técnicas de conforto, manutenção do sono e repouso, gerenciamento de medicamentos e controle da dor; e monitoramento dos sistemas fisiológicos. **Conclusão:** Conclui-se que, existe uma lacuna na assistência, pois na formação acadêmica, a temática é pouco explorada. Ademais, o estudo demonstrou que os profissionais precisam compreender o contexto e a vulnerabilidade que a vítima enfrenta no processo de institucionalização, para que as instituições direcionam ações permanentes para essas mulheres.

Palavras-chave: Violência contra a Mulher; Vulnerabilidade; Cuidados de Enfermagem.

1. Acadêmico de Enfermagem - Universidade Estadual do Ceará (UECE)

2. Acadêmico de Enfermagem - Universidade Estadual do Ceará (UECE)

3. Acadêmica de Enfermagem - Universidade Estadual do Ceará (UECE)

4. Enfermeira intensivista - Faculdade Metropolitana da Grande Fortaleza (FGF)

5. Docente do curso de graduação em enfermagem - Universidade Estadual do Ceará (UECE)

6. Docente do curso de graduação em enfermagem - Universidade Estadual do Ceará (UECE)

E-mail do autor: rhamsesoliveira@gmail.com

INTRODUÇÃO

Os atos de violência contra a mulher constituem-se em um problema social, tanto pelo impacto que ocasiona na qualidade de vida das vítimas, famílias e sociedade quanto pela frequência com que ocorre. De acordo com o relatório da Organização Mundial da Saúde (2018), aproximadamente 35% das mulheres foram vítimas de violência física ou sexual por parceiro íntimo ou não entre 2012 e 2016, restando a incidência com relação ao relatório do ano de 2002.

De acordo com o Ministério da Saúde (2018), a violência sexual pode ocorrer em vários casos de interação sexual, como comportamento sexual compulsivo em relações conjugais ou não conjugais, orais, genitais ou sexo anal, sejam genitais ou objetos, sem o consentimento das vítimas, bem como, pedofilia, incesto, insulto, linguagem sexual imprópria, pornografia sexual indesejada e exploração sexual.

Para Santos et al., (2018), o indivíduo com histórico de violência sexual apresenta inúmeras complicações decorrentes do abuso sexual, tanto na vida pessoal como no meio social, expressadas por meio dos conflitos familiares, problemas psicológicos, baixo desempenho escolar ou profissional, tristeza, raiva, autoestima prejudicada, depressão, pensamentos suicidas e dificuldade de se relacionar socialmente e sexualmente com outras pessoas.

Portanto, os serviços de saúde geralmente constituem-se como porta de entrada para ajudar as vítimas de violência e é um exemplo importante de detectar o problema. No entanto, de fato, existem muitas crenças, mitos e representações que tornam difícil e até impedem o reconhecimento e os métodos de violência doméstica com os usuários, porque muitas mulheres ignoram a violência por medo ou vergonha.

A assistência à mulher vítima de violência sexual é realizada de forma multidisciplinar, em todos os serviços/instituições integrados ao Sistema de Saúde Unificado (SUS), de acordo com as necessidades de cada situação. Segundo o Ministério da Saúde (2018), recomenda-se a realização das notificações dos casos de violência nos serviços de saúde pública e privada que sejam suspeitos e que os casos confirmados por qualquer tipo de violência sejam notificados ao Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN). Além disso, a notificação é apenas uma maneira de garantir os direitos da vítima, não excluindo a denúncia em outros órgãos.

Desse modo, o objetivo do estudo é conhecer sobre a assistência de enfermagem à mulher vítima de violência sexual no processo de institucionalização, bem como compreender

as percepções dos acadêmicos de enfermagem no atendimento/acompanhamento dessas mulheres em situação de vulnerabilidade.

O interesse na temática abordada no estudo surgiu da vivência familiar de um dos autores no contexto de violência doméstica. Além disso, o estudo busca ampliar a sensibilidade da equipe de saúde para compreender a vulnerabilidade que a mulher vítima de violência sexual enfrenta no processo de institucionalização, a fim de favorecer autonomia, autocuidado, e reabilitação à mulher vítima de violência sexual.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo do tipo relato de experiência com abordagem qualitativa, realizado entre março e abril de 2023, através da vivência prática de acadêmicos do curso de enfermagem em um setor de UTI adulto de um hospital público do município de Fortaleza - CE.

Os dados do estudo foram coletados pelas percepções e registros dos acadêmicos juntamente aos profissionais supervisores do campo de estágio. Foram utilizados os depoimentos dos acadêmicos obtidos pela técnica de observação direta no setor de Terapia Intensiva.

O estudo foi baseado na literatura, através da análise de oito artigos que foram selecionados nas bases SciELO e LILACS através da Biblioteca Virtual em Saúde, utilizando os descritores controlados: “Violência contra a Mulher”, “Vulnerabilidades” e “Cuidados de Enfermagem”.

Os critérios de inclusão foram os artigos de língua inglesa e portuguesa, que correlacionam com a área temática e que foram publicados nos últimos 5 anos, foram excluídos do estudo os artigos que não descrevem com clareza os métodos e as coletas de dados, bem como os que não foram publicados nos últimos 5 anos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados foram baseados com as informações anotadas pelos acadêmicos a partir da descrição dos enfermeiros da unidade. Foi descrito pelos enfermeiros que o perfil da paciente admitida na Unidade de Terapia Intensiva é de uma jovem de aproximadamente trinta anos, com média de 10s4d de gestação, com diagnóstico inicial de choque séptico. Relataram que a paciente deu entrada na unidade desacordada, com quadro de hipoglicemia e hipotensão, sendo observado sangramento transvaginal protuso com coágulos, visto

embalagem de CYTOTEC (misoprostol) em roupa íntima. Após o início de hidratação venosa e droga vasoativa constatou melhora da hipovolemia. Os profissionais relataram que ao despertar, a paciente informou ter feito uso de seis comprimidos de misoprostol via vaginal e quatro comprimidos de misoprostol 200 mg via oral, além de cachaça alemã (inglesa lapon) para tentar aborto induzido, pois relatou ter sido vítima de violência sexual. Foi observado melhora do nível de consciência, mas seguia com queixas de dor abdominal em hipogástrio. Ainda estaria fazendo o uso de cateter nasal, drogas potencialmente perigosas para bradicardia, e foram observados na assistência os sentimentos de medo, angústia, tristeza e desamparo.

Assistência de enfermagem à mulher em situação de violência sexual na UTI

Na admissão com a mulher em situação de violência sexual na UTI, os acadêmicos puderam observar o papel do enfermeiro. De acordo com Carneiro et al. 2021, a enfermagem tem papel fundamental na assistência à mulher em situação de violência sexual, pois é diretamente responsável por oferecer os cuidados desde o processo de admissão até o momento de alta hospitalar, sendo mediador da vítima com a justiça.

Os enfermeiros utilizam um instrumento de triagem inicial contendo o histórico de enfermagem, comorbidades apresentadas, anamnese clínica e ocupacional do paciente, exame físico e preenchimento da escala de Glasgow. Ademais, é realizado pelos enfermeiros os exames admissionais, como o eletrocardiograma, teste swab de COVID-19 e RAIIO-X de Tórax. Ademais, os cuidados prestados à mulher vítima de violência sexual na Unidade de Terapia Intensiva, abrange a manipulação adequada nos procedimentos invasivos, com ênfase em técnicas de conforto, manutenção do sono e repouso, gerenciamento de medicamentos e controle da dor; e monitoramento dos sistemas fisiológicos.

Portanto, foi observado que é realizado o acolhimento e escuta ativa da mulher, por meio de uma postura acolhedora, neutra e compreensiva durante o acolhimento, proporcionando a sensação de proteção e amparo à vítima. No entanto, Fornari e Labronici (2018), afirmam que a atuação do enfermeiro nem sempre é realizada da maneira adequada, avaliando-se que alguns agem de forma ética, mas outros não sabem lidar com a situação de forma profissional, pressupondo que a situação vivida foi causada pela própria vítima e que o acontecido não deveria ser considerado abuso, desacreditando o cliente e desvalorizando a sua autonomia, além de ser antiético e contra os seus deveres profissionais.

O enfermeiro muitas vezes tem receio de atuar nos casos de violência sexual, seja pela falta de capacitação profissional ou por medo de se envolver com o sistema judicial, atuando na retaguarda de outros profissionais, solicitando pareceres ou encaminhando às vítimas para outros serviços.

Portanto, foi vivenciado o receio e o medo dos enfermeiros e acadêmicos de enfermagem em prestar a assistência devida à essa paciente, justificado pela ausência da abordagem da temática na formação acadêmica, onde são evidenciados a lacuna dessa assistência, sendo ainda uma temática pouco explorada. Ademais, é essencial a assistência à essas mulheres, pois além de serem uma população vulnerável, inúmeros casos são noticiados e vistos em telejornais, internet, revistas e até mesmo no dia a dia na sociedade.

Na assistência, ainda existem barreiras que dificultam o processo de denúncia pelas vítimas, uma vez que, para ser atendida em uma instituição hospitalar, geralmente essas mulheres passam por vários serviços, como as delegacias, Instituto médico legal para realização dos exames, fazendo com que a mesma necessite passar pela parte burocrática, retornando aos relatos das agressões e do acontecimento.

Sentimentos da mulher vítima de violência sexual

A ocorrência da internação em uma Unidade de Terapia Intensiva é um fator que favorece ainda mais os sentimentos negativos à mulher vítima de violência. Segundo Santos *et al* (2021), o acolhimento da vítima pela equipe multiprofissional é imprescindível, pois possibilita à mulher discorrer sobre seus sentimentos, bem como sanar dúvidas clínicas e legais. Logo, este precisa ser um momento ético e livre de julgamentos, de forma que a escuta aconteça de modo humanizado, digno e respeitoso, com o desígnio de promover tanto o apoio emocional, como também o sentimento de segurança.

Além disso, observa-se que há vários fatores que influenciam a vítima de agressão a não denunciar o ocorrido. De acordo com Oliveira (2007) é possível observar que o estigma da violência sofrido pelas mulheres, imposto pela sociedade e pela própria família, é vivido por muitas mulheres que sofrem com situações de violência do cônjuge ou de outro, como a culpabilização da vítima e desprezo pela situação.

Portanto, foi observado que para fortalecer o vínculo do profissional-cliente, é necessário que a equipe forneça uma assistência humanizada, sendo visível o rompimento da confiança no contexto que essas mulheres são inseridas. Nesse sentido, é fundamental que os profissionais orientem sobre a realização de qualquer procedimento, estando atento aos sinais emocionais que têm impactos na saúde física e na monitorização dos sinais vitais. Por fim, os

profissionais devem encaminhar essas mulheres para um ambiente seguro após a alta hospitalar.

CONCLUSÃO

Este estudo enfatiza a importância da equipe de enfermagem em serviços de emergência para promover a violência contra as mulheres. No entanto, pesquisas mostram que a lacuna no campo do conhecimento. De acordo com o artigo revisado, além do atendimento clínico dos sinais físicos deixados pela violência, o sujeito também deve ser incluído no curso de graduação. É necessário se concentrar em serviços de emergência para que os profissionais de enfermagem possam identificar e enfrentar a violência da formulação e formulação de acordos nacionais, relacionados ao serviço apropriado relacionado à prática de serviço.

Conclui-se que são necessárias ações focadas nos serviços de emergência para capacitar os profissionais da categoria da enfermagem a identificar e enfrentar a violência, a partir do desenvolvimento de protocolos institucionais e nacionais, associados à adoção de instrumentos adequados à prática dos serviços. Portanto, dessa forma é possível superar o estigma da abordagem da temática de violência no serviço de saúde que significa, de alguma forma, invadir a vida pessoal da mulher, o que pode fazer com que os profissionais naturalizem casos de violência nesses serviços, culminando na perpetuação do fenômeno.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Vigilância em Saúde. Análise epidemiológica da violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil, 2011 a 2017 [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; 2018. Available from:

<http://portal.arquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2018/junho/25/2018-024.pdf> Acesso em: 10 de abr. 2023

CARNEIRO, J.B et al. Condições que interferem no cuidado às mulheres em situação de violência conjugal. **Escola Anna Nery**, v. 25, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/mddcddNC37JqwwkYMQmP6mt/> Acesso em: 10 de abr. 2023

FORNARI, L.F; LABRONICI, L.M. O processo de resiliência em mulheres vítimas de violência sexual: uma possibilidade de cuidado. **Cogitare Enfermagem**, v. 23, n. 1, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/4836/483660070010/483660070010.pdf> Acesso em: 12 de abr. 2023

MATOS, L.D.S; FARIAS SALES JUNIOR, C.A. Assistência de enfermagem ao indivíduo vítima de violência sexual. **Journal of Nursing UFPE/Revista de Enfermagem UFPE**, v. 15, n. 2, 2021. Disponível em: <https://web.p.ebscohost.com/ehost/detail/detail?vid=0&sid=8014b48d-dcb4-454d-b9be-66918>

a122f04%40redis&bdata=Jmxhbm9cHQYnImc2l0ZT1laG9zdC1saXZl#AN=152339052&d
b=c8h Acesso em: 12 de abr. 2023

OLIVEIRA, E. N. **Pancada de amor dói e adoce: violência física contra mulheres.** Sobral, CE: Edições da Universidade Estadual Vale do Acaraú, 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=867665&pid=S1413-294X202000020001200033&lng=pt Acesso em: 10 de abr. 2023

SANTOS, M.J, MASCARENHAS M.D.M, RODRIGUES, M.T.P, MONTEIRO, R.A. Characterization of sexual violence against children and adolescents in school – Brazil, 2010-2014. **Epidemiol Serv Saude.** 2018 June; 27(2):e2017059. DOI: 10.5123/s1679-49742018000200010 Acesso em: 10 de abr. 2023

WORLD HEALTH ORGANIZATION: **monitoring health for the SDGs, sustainable development goals.** Geneva: World Health Organization; 2018. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=oL5qEAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP1&dq=%20WORLD%20health%20statistics%20monitoring%20health%20for%20the%20SDGs%20sustainable%20development%20goals.%20Geneva%20World%20Health%20Organization%202018.&ots=mO4O6wZvj2&sig=rst03TU9jgGOzp9OTBX1kivaUo4#v=onepage&q=WORLD%20health%20statistics%3A%20monitoring%20health%20for%20the%20SDGs%2C%20sustainable%20development%20goals.%20Geneva%3A%20World%20Health%20Organization%3B%202018.&f=false> Acesso em: 10 de abr. 2023

